



XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017



Modernidade no campo: uma escola para transformar o interior

Modernity in the field: a school to change the corners

*Fabício Ribeiro dos Santos Godoi, Mestrando / Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Carlos,
fabricio.godoi@usp.br*

RESUMO

Esse artigo refere-se à implantação da Escola Prática de Agricultura Fernando Costa na cidade de Pirassununga/SP, uma obra de dimensões significativas que depois tornou-se campus da Universidade de São Paulo. No contexto modernizante do Estado Novo varguista e sob o comando do interventor Fernando de Souza Costa, o projeto educacional, arquitetônico e urbanístico da nova escola pretendia ajudar a modernizar o país tendo em seu centro a educação do trabalhador rural, superando o atraso social ali constatável. Sob inspiração neocolonial na arquitetura e híbrida (cidade-jardim e belas artes) no urbanismo, foi projetada e executada no final dos anos 30, obtendo grande relevância e até hoje funcionando como espaços de uso educacional. O artigo apresenta um histórico abreviado no período, analisando o projeto original, uma análise física do território e uma análise da relação com a cidade. Finaliza-se com uma análise da personalidade de Fernando de Souza Costa, determinante não apenas para que a obra efetivamente fosse executada, mas também decisiva na escolha das características do projeto.

Palavras Chave: Campus Universitário; Universidade de São Paulo; História da Universidade; Desenho Urbano

ABSTRACT/RESUMEN

This article refers to the implementation of the Escola Prática de Agricultura Fernando Costa in the city of Pirassununga / SP, a significant work that later became a campus of the University of São Paulo. In the modernizing context of the Vargas "Estado Novo" and under the command of Fernando de Souza Costa, the educational, architectural and urbanistic project of the new school was intended to help modernize the country, having at its center the education of the rural worker, overcoming the social backwardness. Under neocolonial inspiration in architecture and hybrid (garden-city and beaux arts) in urbanism, it was designed and executed in the late 30's, obtaining great relevance and until today functioning as spaces of educational use. The article presents an abbreviated history in the period, analyzing the original project, a physical analysis of the territory and an analyses of relationship about the city. It ends with an analysis of the personality of Fernando de Souza Costa, determinant not only for the work to be effectively executed, but also decisive in the choice of the characteristics of the project.

Keywords/Palabras Clave: University Campus; University of São Paulo; History of University; Urban Design

MODERNIDADE NO CAMPO: UMA ESCOLA PARA TRANSFORMAR O INTERIOR

Neste artigo o assunto principal é a fundação da Escola Prática de Agricultura em Pirassununga. Seguirá uma abordagem analítica do território, tanto a partir da observação de documentos e dados, como histórica. Começamos com a apresentação e discussão do projeto original, resgatado nos acervos do Núcleo de Engenharia da Secretaria de Abastecimento e Agricultura do Estado de São Paulo (NE/SAA) e do antigo Departamento de Obras Públicas (DOP) da Secretaria de Viação e Obras Públicas (SVOP), hoje parte do acervo da Companhia Paulista de Obras e Serviços (CPOS). Serão analisadas as condições geográficas, técnicas e pedagógicas do lugar. As condições geográficas tratadas são principalmente físicas: a conformação do terreno, a adequação ao uso agrário (agrícola e pecuário), a estrutura fundiária anterior à criação da Escola, a hidrografia, o clima e demais condições ambientais. As condições técnicas referem-se à maneira como o projeto abordou as questões antes apresentadas e as resolveu. Por exemplo, se há um zoneamento, como o programa se distribui no terreno, como se resolveram as infraestruturas necessárias para a ocupação, onde se implantaram os edifícios, etc. E, finalmente, algumas condições a partir de questões pedagógicas que conseguimos resgatar na bibliografia ou observar nos projetos.

Serão apresentados os resultados da pesquisa realizada junto aos acervos do NE/SAA e da CPOS. Consultamos também o Departamento de Recursos Humanos da SAA, que possui em seus acervos os registros dos funcionários da casa no passado, mas estes nomes, de engenheiros e desenhistas, constam em pouquíssimos desenhos. Buscamos a autoria do projeto em fontes secundárias, como na Tese de Luciana Pelaes Mascaro¹, que cita Ricardo Severo, o que é impossível, já que ele falece em 1940, antes da confecção de qualquer projeto das Escolas Práticas de Agricultura, ou no livro Agricultura paulista – Uma história maior que 100 anos, que não determina um autor. Esquecida nas últimas décadas, a autoria principal pode ser dedicada aos profissionais da empresa Sociedade Construtora Brasileira S/A, que foi responsável pela construção da Escola Prática de Agricultura. Essa suposição se fundamenta na observação dos desenhos executivos. Todos os desenhos executivos que foram efetivamente construídos possuem carimbos da empresa. As assinaturas não são de profissionais das secretarias, portanto deduzimos que são assinaturas de funcionários da empresa ou de escritórios contratados por ela. Infelizmente não localizamos os acervos da empresa, nem no Instituto de Engenharia, nem no CREA-SP.

Mais importante que a autoria de um profissional específico, está a discussão sobre os porquês das decisões estéticas ali assumidas. Considerando o poder institucional delegado aos ministros e interventores, no contexto do projeto desenvolvimentista do Estado Novo de Getúlio Vargas, acreditamos que as decisões estéticas do projeto são reflexo das crenças pessoais da pessoa que representava o poder central, no caso, o político paulista Fernando Costa.

A seção seguinte busca interpretar a relação entre a antiga Escola Prática de Agricultura com a Pirassununga da época. No fim dos anos 30 a cidade de Pirassununga era uma pequena cidade do interior, com população pouco inferior a vinte mil habitantes. Durante a gestão municipal do jovem Fernando Costa a cidade teve um primeiro surto de desenvolvimento, recebendo por exemplo a construção do Instituto de Educação de Pirassununga, hoje a Escola Estadual Pirassununga. Sem nunca abandonar Pirassununga durante sua carreira política, o político Fernando Costa premia a cidade com a instalação da maior das Escolas Práticas de Agricultura.

¹ MASCARO (2008).

Recepcionada como um símbolo de desenvolvimento, a Escola foi desde então – mesmo considerando seus altos e baixos – um polo de atratividade de pessoas, tecnologias e investimentos para a cidade; bem como um polo indutor de crescimento físico, na direção de sua portaria.

Finalmente, encerramos o artigo com uma análise do trabalho realizado nas gestões de Fernando Costa em diferentes instituições. Um político de vigor, com carreira continuamente ascendente e abruptamente interrompida, cujas ideias principais são essenciais para entender esse projeto de modernização do campo, embutido – como vimos anteriormente – em um projeto de modernização nacional. Também realizamos uma tentativa de verificar algum vínculo entre a sua presença pessoal e a arquitetura adotada. Pode-se discutir, inclusive, a possibilidade de adoção de um “estilo”. Na Tese de Luciana Mascaro há uma indicação que Fernando Costa teria um contato com Ricardo Severo, arquiteto defensor da arquitetura neocolonial e Ângelo Murgel, seu seguidor, o que poderia explicar sua crença na relação entre o campo brasileiro e este estilo da arquitetura.

Este capítulo encerra, portanto, a maior parte da pesquisa documental realizada. Os textos apresentados tentam interpretar esses documentos originais da implantação da antiga Escola Prática de Agricultura, realização de dimensões e esforços superlativos para a época. No centro dessa discussão está a personalidade de Fernando Costa, que, desde dezembro de 2015, dá nome ao campus da USP em Pirassununga.

O PROJETO DA ESCOLA PRÁTICA DE AGRICULTURA EM PIRASSUNUNGA

Pouquíssimos trabalhos acadêmicos foram realizados sobre a história e o desenvolvimento do atual Campus Fernando Costa da Universidade de São Paulo. O principal deles foi a pesquisa coordenada pela professora Zilda Márcia Gricoli Iokoi, com a coautoria da historiadora e bolsista Teresa Cristina Teles, que resultou na publicação do livro “Campus de Pirassununga da USP: Memória e história”. Essa pesquisa tem em sua base os documentos guardados por décadas pelo professor Noé Massoti, que faleceu antes da publicação da edição. Seu principal incentivador foi o professor Ricardo de Albuquerque, ex-prefeito do campus e também um grande colaborador para o desenvolvimento da presente pesquisa. A pesquisa desenvolvida pela professora Zilda e pela pesquisadora Teresa Cristina tem como metodologias principais o levantamento e interpretação do material do professor Noé e o registro de depoimentos, portanto a “história oral” fundamenta o texto.

Além deste, há os trabalhos de Mariana Boghosian Al Assal, primeiro no Trabalho Final de Graduação (TFG), com o título “Escola Prática de Agricultura Fernando Costa: Patrimônio da USP”, até a Dissertação de Mestrado, com o título “Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura varguista - as Escolas Práticas de Agricultura do Estado de São Paulo”, sendo que neste trabalho a abordagem é mais ampla, ainda que centralizada em Pirassununga. Em seu TFG, Mariana registrou e inventariou os edifícios existentes que foram construídos antes da inauguração e em seus primeiros anos, no que podemos classificar como “projeto original do campus”, com a função de escola prática agrícola. Alguns dos registros apresentados nesse trabalho devem ser únicos, já que uma parte do material original, antes arquivado no NE/SAA, não foi encontrado nas últimas visitas realizadas no local (no primeiro semestre de 2016).

Cabe mencionar que o arquivo do NE/SAA foi deslocado algumas vezes: da antiga sede no Parque Fontes do Ipiranga para a atual, no antigo Hotel Esplanada (depois sede das empresas Votorantim e agora ocupado por Secretarias do Estado). Nesse endereço atual, já mudou de lugar duas vezes.

As condições atuais do arquivo são preocupantes: papéis vegetais estão enrolados inadequadamente, ora acondicionados em “tubos” plásticos, ora depositados sobre estantes de madeira. Foram encontrados alguns desenhos originais dos projetos da Escola Prática de Agricultura nesse arquivo, repetindo o caminho trilhado por Mariana Boghossian em seu TFG e pesquisa de mestrado. Uma pequena parte hoje faz parte do acervo da biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP (IAU/USP), em São Carlos. E, como mencionamos, uma pequena parte não foi reencontrada.

Além dos arquivos do NE/SAA, foram consultados os arquivos da CPOS, herdeira da antiga SVOP, a fim de acessar os projetos originais do campus. Ali estão alguns projetos que foram realizados pela equipe própria da SVOP e nenhum desenho originado na Secretaria de Agricultura ou carimbado pela empresa Sociedade Construtora Brasileira S/A. Esses projetos de edifícios, nem sempre construídos, são datados de período posterior à inauguração da Escola Prática de Agricultura. Essa constatação permite afirmarmos a responsabilidade efetiva da Secretaria de Agricultura na construção do espaço original, e o compartilhamento da responsabilidade em sua manutenção posterior. Há, no entanto, alguns estudos de data anterior ao decreto de fundação das Escolas Práticas de Agricultura, que provavelmente fundamentaram ou influenciaram o projeto efetivamente construído.

Um dos objetivos específicos da pesquisa dizia respeito à identificação dos autores. Solicitamos ao Departamento de Recursos Humanos da SAA uma lista dos profissionais que trabalharam nos anos 40 na Secretaria, mais especificamente profissionais ligados à área da construção e projeto, como engenheiros, arquitetos e desenhistas². Primeiro, constatamos que não havia nenhum arquiteto nesse período. Segundo, que comparando-se as assinaturas com os nomes dos profissionais listados, não foi encontrada praticamente nenhuma coincidência. Apenas encontramos possibilidade de relação em alguns poucos desenhos, anteriores ao Decreto de criação das Escolas, que representam projetos diferentes dos efetivamente construídos.

Os desenhos encontrados que se referem aos edifícios efetivamente construídos possuem carimbos apenas da Sociedade Construtora Brasileira S/A. Foi procurado, então, o acervo da empresa. Foram realizadas buscas no Instituto de Engenharia (IE) e no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de São Paulo (CREA-SP)³, que resultaram infrutíferas. Outras buscas infrutíferas foram realizadas na cidade de Santos, onde a empresa era sediada, e no Arquivo do Estado. Infelizmente, é um caminho que deixamos em aberto.

Sabemos que as Escolas Práticas de Agricultura foram criadas, projetadas, construídas e inauguradas em períodos distintos durante a gestão de Fernando Costa na Secretaria de Agricultura ou logo após esse período, provavelmente sob sua influência. A primeira Escola Prática de Agricultura, em Jaboticabal, com o nome José Bonifácio, foi projetada em 1940 pelo Departamento de Engenharia Rural da Secretaria de Agricultura⁴. As demais, reunidas sob a Diretoria de Ensino Agrícola, foram construídas a partir do decreto 12.742, de 3 de junho de 1942, sendo concluídas entre 1944 e 1945.

Os projetos, segundo publicações na Revista Acrópole, foram desenvolvidos pelo Departamento de Engenharia Rural ou pelo Departamento de Engenharia da Secretaria de Viação e Obras Públicas. As construções foram realizadas por diferentes empresas: em Guaratinguetá, pelo

² No trabalho completo, em formato de Dissertação, está apresentado como anexo.

³ Foram encaminhados e-mails para os setores de arquivo e bibliotecas, com respostas negativas à existência de tal acervo.

⁴ MARTINS (1991), pg. 222.

Escritório Técnico de Engenharia Oscar Americano Ltda⁵; em Ribeirão Preto pela Sociedade Construtora de Imóveis e Planejamento Ltda⁶; em Bauru, pela Lindenberg e Assumpção Engenheiros Cíveis e Construtores⁷. A Escola Prática de Agricultura Fernando Costa teve estudos realizados antes mesmo do Decreto de criação das Escolas⁸, como veremos em alguns carimbos de projetos (ainda que não o projeto que foi efetivamente executado). Há indícios, inclusive, que até as obras foram iniciadas antes do Decreto, o que denota o interesse político do Interventor do Estado.

As obras em Pirassununga foram realizadas pela Sociedade Construtora Brasileira S/A, que em grande esforço de engenharia as concluiu em menos de dois anos. Pela técnica construtiva adotada (edifícios em concreto armado e alvenarias de vedação) e pelo porte dos edifícios (o maior possui 9.000 m², outros quatro edifícios entre 1.000 e 2.000 m²), e por existirem mais de 60 frentes de obra simultâneas, podemos inferir que haviam várias equipes de engenharia e de detalhamento de projetos. No período, tratava-se de uma das maiores obras públicas do Brasil⁹.

A empresa construtora dedicava grandes esforços, interesse e atenção a este contrato. Entre seus sócios figurava o senador Roberto Simonsen, político com afinidades com o Interventor Fernando Costa. Conhecidos de longa data, foram deputados no mesmo período, pelo Partido Republicano Paulista (PRP) e no final do governo varguista ingressaram juntos no Partido Social Democrático (PSD), pelo qual Costa sairia candidato a governador (falecendo antes da eleição) e Simonsen se elegeu senador (falecendo um ano depois de assumir o cargo). Simonsen, em seus discursos sobre agricultura, citava Fernando Costa, como exemplo de conhecedor dos problemas da área¹⁰.

O projeto de modernização do país defendido por Fernando Costa passava por um processo de modernização da atividade agropecuária. Em todos os cargos públicos que ocupou, Fernando Costa se valia do conhecimento técnico de engenheiro agrônomo para defender seu ideal e trabalhava com afinco para construir a infraestrutura necessária¹¹. Sua lista de realizações é realmente impressionante: em Pirassununga praticamente todas as instituições públicas presentes são decurso de sua ação; os Institutos Nacionais de Agricultura, hoje transformados em Universidades Rurais; a Escola Nacional de Agricultura, atual UFRRJ; o Parque da Água Branca e o Parque da Água Funda, em São Paulo; o Instituto Biológico, também em São Paulo; inaugurou postos zootécnicos e estações experimentais pelo país; idealizou a campanha do gasogênio;

⁵ ACRÓPOLE (1944), julho, pgs. 90 e 91 e ACRÓPOLE (1945), maio, pg. 1.

⁶ ACRÓPOLE (1944), jan, pg.288-289, Escola Prática de Agricultura Getúlio Vargas; nesse caso, o projeto é do Departamento de Engenharia da Secretaria de Viação e Obras Públicas, assinado por Hernani do Val Penteado, que também é autor da Escola Preparatória de Cadetes em Campinas e, em 1949, do Terminal do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Em menos de dez anos o local foi doado para a USP e transformado no que é hoje o Campus Ribeirão Preto. O prédio central atualmente é a sede da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP). Trata-se de um complexo tombado em nível estadual pelo Conselho de Defesa Estadual de Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico (CONDEPHAAT), em 1994 (Resolução SC/7).

⁷ ACRÓPOLE (1946), ago, pg. 109-111, Escola Prática de Agricultura Gustavo Capanema. Nesse caso, o projeto também é do Departamento de Engenharia da SVOP.

⁸ Decreto-Lei 12742, de 03.06.1942: Dispõe sobre a criação de Escolas Práticas de Agricultura. Fonte: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

⁹ ACRÓPOLE (1944), maio, pg. 6; ACRÓPOLE (1944), dez, pg. 245; e ACRÓPOLE (1945) julho, pg.64.

¹⁰ SIMONSEN (1944) Elos da Indústria, pg.7.

¹¹ Conforme média metragem documentário "O Idealista Realizador" (1994) (Prefeitura do Município de Pirassununga). Acessado em 30/10/2016. <https://pirassunungareceptivo.com.br/fernando-costa-o-idealista-realizador/>

incentivou e promoveu a descoberta de petróleo no Brasil (na Bahia); entre várias outras ações, principalmente ligadas à agricultura ¹².

A maioria dessas decisões políticas envolviam a construção de edifícios ou estabelecimentos que abrigassem as novas instituições. A proximidade entre o campo político e a iniciativa privada, em especial as empreiteiras de construção civil, era muito oportuna. As empreiteiras realizavam “lobby” junto às esferas governamentais e estas, interessadas na realização das obras de modernização do país, ofereciam grandes possibilidades para o crescimento das empreiteiras. A partir de um projeto político, de uma crença inquebrantável que tal ação (que envolvia determinada obra) promoveria o desenvolvimento do país, Estado e empreiteiras desenvolviam o projeto de construção. O poder das empreiteiras no Estado de São Paulo precede o enorme poder que constituiriam ao longo dos anos, com o auge nos governos militares pós-1964. Essa política tem início no governo estadual de Washington Luís, entre 1920 e 1924, com a célebre frase que dizia: “governar é construir estradas”. Os políticos do PRP, incluindo Fernando Costa, se imbuem da mesma lógica ¹³.

Diretamente ligado a esse projeto de modernização, estava o projeto de educação no campo. As escolas de agricultura em diversos níveis de formação eram essenciais para a consecução desse objetivo. E a Escola Prática de Agricultura em Pirassununga, sua cidade, provavelmente foi acompanhada muito de perto por seu idealizador.

AS CONDIÇÕES AMBIENTAIS

A Escola Prática de Agricultura ocupava originalmente uma área de mais de 2.300 ha ao norte e noroeste da cidade de Pirassununga ¹⁴. Centralizada ao redor de uma antiga propriedade, de posse de um certo “Major Rolla” (que é nome de rua no município), várias outras pequenas propriedades foram desapropriadas para recompor a gleba. Segundo entrevistas, essas propriedades eram tipicamente de subsistência, porém, graças ao solo adequado a produções comerciais, possuíam rentabilidade que garantia às famílias condições de vida suficientemente adequadas. O processo de recomposição da gleba foi traumático, com algumas famílias permanecendo no terreno – porém trabalhando como funcionários na nova instituição de ensino – enquanto outras foram para outros locais. Há uma lenda reproduzida na cidade – e não foi possível confirmarmos com documentação – que houve suicídios entre aqueles que não queriam deixar suas terras ¹⁵.

Quanto às características físico-geográficas, iniciando com o clima, o município de Pirassununga está em área de transição do clima Subtropical Úmido, com invernos secos e temperatura média

¹² Na bibliografia de Fernando Costa há listas de realizações em publicações que resumem o seu tempo ocupando cada cargo público. DEIP (1943). Fernando Costa e sua vida pública.

¹³ CAMPOS (2012), pgs. 45-59.

¹⁴ Hoje ocupa 2.240 hectares, conforme certificação cadastral rural no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). As perdas de área referem-se às doações para a construção e duplicação da SP-330, conhecida como Rodovia Anhanguera.

¹⁵ As informações deste parágrafo são repetidas em conversas com descendentes de funcionários da antiga Escola Prática de Agricultura, que continuam trabalhando e vivendo no mesmo lugar: a atual USP em Pirassununga. Há famílias que estão na terceira ou quarta geração, como os Rosim, os Pavão, os Tuckmantel, entre outras. TELES e IOKOI (2005) também apresentam depoimentos com esse conteúdo.

inferior a 18º no mês mais frio e média anual superior a 22º (Cwa), para Tropical com Estação Seca (neste caso o inverno), com temperaturas altas (acima de 22º durante o ano)¹⁶.

Com relação aos aspectos pedológicos, a gleba possui terras em latossolo vermelho eutroférico¹⁷, que possuem reconhecida alta fertilidade e altos teores de ferro. Os latossolos vermelhos da localidade são argilosos, portanto compactáveis e – com o passar do tempo – pouco úmidos. Essas condições são muito adequadas para a agricultura, porém também podem se prestar à pecuária.

O uso do solo desde décadas antes da formação da Escola Prática de Agricultura era dedicado à agricultura, portanto bastante antropizado. No entanto, até hoje resistem algumas manchas de Floresta Estacional Semidecidual Montana¹⁸.

Durante a construção da Escola Prática de Agricultura alguns cursos d'água pré-existent foram represados, dando origem a oito açudes ou lagos artificiais. Depois, ao longo do tempo, um deles secou e outro foi construído. Nenhum dos cursos d'água tem volume d'água significativo, nem há quantidade relevante de nascentes (as poucas nascentes existentes estão bem preservadas).

Do ponto de vista geomorfológico, a área se encontra na classificação D112 (Depressão do Rio Mogi Guaçu), composta por colinas com topos amplos, com altitudes entre 500 m e 700 m, inserida no que se convencionou denominar "Depressão Periférica Paulista"¹⁹.

Todas essas condições geográficas permitem avaliarmos que a escolha do local para implantação da Escola Prática de Agricultura reuniu o interesse político, certamente por imposição do Interventor e ex-prefeito Fernando Costa, com os interesses técnicos, já que a área é tecnicamente adequada – e até indicada – para as atividades agropecuárias, permitindo produção intensiva. As dimensões superlativas da gleba que abrigaria a Escola também possibilitariam vários arranjos produtivos, como rotação de culturas e produções, bem como altos índices de produtividade.

AS CONDIÇÕES E DECISÕES PROJETUAIS

O processo de composição da gleba da Escola Prática de Agricultura pode ter influenciado de maneira decisiva o projeto inicial. No único desenho que trata da implantação da Escola, denominado "Projeto do Parque da Escola Prática de Agricultura Fernando Costa" (ver Imagem 1), não há a representação dos limites da propriedade. O enquadramento do desenho mostra o terço final do eixo principal de acesso, o prédio central e seu entorno, o ginásio e entorno e parte da região técnico-produtiva. Não constam os dois primeiros terços do eixo principal, nem as atuais áreas de pastagens e plantações ao redor do núcleo do prédio central ou atrás da região técnico-produtiva. Também não constam as matas ao norte da gleba e as terras cultiváveis além dessas matas.

Sobre o projeto realizado, a primeira observação possível é sobre a densidade de uso do solo. As edificações se situam de maneira esparramada no terreno, com alguns eixos curvilíneos de acesso, que ora entrecruzam o eixo principal, ora distanciam-se. O prédio central, no ponto focal do eixo principal, é a construção de maiores dimensões (mais de 9.000 m²). A segunda maior construção,

¹⁶ CEPAGRI. O Clima dos municípios paulistas. Campinas. <http://www.cpa.unicamp.br/outras-informacoes/clima-dos-municipios-paulistas.html>. Acessado em 20/09/2016.

¹⁷ IBGE, Mapa de Solos do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

¹⁸ MMA. Mapa dos Biomas Brasileiros. Brasília: MMA, 2006.

¹⁹ ROSS (1996).

o ginásio de esportes, está conectado visualmente à primeira, porém o percurso para atingi-lo é curvilíneo, duplicando a distância a caminhar. Algumas massas arbóreas enquadram o ginásio. Como se observam em imagens do período de construção do campus, essas massas arbóreas não existiam originalmente. Foram efetivamente plantadas e até hoje há resquícios dessas massas – no entanto o projeto paisagístico foi radicalmente descaracterizado depois da construção da Rodovia Anhanguera.

As demais construções são alinhadas com os percursos curvilíneos, algumas vezes de maneira espelhada (como os prédios de apoio na fachada posterior do prédio central), algumas vezes distribuídos de maneira equidistante (como na região técnico-produtiva e na colônia dos mestres). As colônias residenciais são compostas por casas de tamanhos diversos, dimensionadas de acordo com o cargo que cada morador ocupava. Ficam soltas no terreno, sem qualquer delimitação de “lote”. Ao seu redor, massas arbóreas sem vegetação arbustiva, caracterizando uma implantação parqueada. Há percursos de pedestres apartados da via de acesso.

Os prédios se dispõem no terreno entremeados a áreas parqueadas, praticamente todos com jardins frontais. As distâncias entre os prédios mais importantes são superáveis a pé - com possibilidades de percorrer áreas sombreadas - o que induz à fruição da paisagem e ao ato de caminhar. No entanto, nas áreas residenciais as casas se dispõem em filas, mas permanecendo o jardim frontal.

Essa densidade de usos e essa ocupação rarefeita obviamente não são características típicas de zonas urbanas. No entanto, também não são características de zonas tipicamente rurais. As áreas produtivas extensivas estão fora da área delimitada pelo desenho do “Parque”. As áreas internas ao desenho do “Parque” aparentemente possuem usos técnicos, pequenas criações, mas todas experimentais – o que pode ser inferido pelas suas dimensões -, diretamente vinculadas aos usos educacionais. Esse conjunto de características inserem o projeto desse “Parque” e da Escola Prática de Agricultura – atual campus, na chave historiográfica dos territórios universitários.

*Figura 1: Projeto do Parque da Escola Prática de Agricultura “Fernando Costa”.
Fonte: MASCARO (2008).*



Fernando Costa, um agrônomo, formado em Piracicaba, teve uma vivência importante, bastante significativa, em sua vida profissional e política, na Escola daquela cidade. E, como verificaremos posteriormente, levou essa vivência para o projeto das Escolas Práticas de Agricultura. Em seus discursos o componente técnico e o componente político se entrecruzam com frequência. Ao descrever as riquezas do país, não se contém e assim afirma: “em tão rico e grandioso cenário, a ação do homem técnico não pode deixar de se fazer sentir”, depois explicando como esse homem técnico deve trabalhar para promover o engrandecimento nacional²⁰.

Continuando a análise dos aspectos projetuais, o eixo principal, retilíneo, culmina em uma enorme rotatória, conforme a cota do terreno se eleva. O ponto escolhido para a construção do prédio central é relativamente mais alto, no limite de uma crista. O ponto em que o prédio se situa o coloca em grande evidência, sendo observável à distância e criando uma praça em sua fachada principal que também possui vistas privilegiadas. Além disso, permite que o sistema de esgotamento flua com facilidade até o ponto de deposição, na cota mais baixa do território, a menos de 2 km de distância.

O eixo é um leve acentuação, que na rotatória se acentua. Conforme se dobra a rotatória, diferentes visuais da paisagem se abrem, convidando o visitante (e mesmo os que cotidianamente ali circulam) a fruir da amplitude da vista. Ao redor, contornando essa área ocupada pelos eixos de circulação e construções, há áreas produtivas e, mais além, acompanhando os fundos de vales, matas preservadas. Hoje essas matas compõem uma unidade, interligando-se, como preconiza a legislação ambiental e como é desejável para a melhor manutenção das Áreas de Preservação Permanentes (APPs). Porém essas matas eram muito mais modestas no período de constituição da Escola Prática de Agricultura, conforme algumas fotografias da época permitem observarmos.

O sistema viário, disposto diagonalmente às curvas de nível, permite que o sistema de drenagem seja resolvido superficialmente. A exceção é o eixo principal, que algumas vezes se aproxima de corpos d’água, e se eleva no final, como já afirmado.

Essas características híbridas da paisagem, ora mais identificadas com o ambiente rural, ora menos próxima dessa realidade, nos exigem certa precaução para repetir análises típicas de áreas urbanas, que nos induziriam a inserir esse projeto em um determinado estilo²¹. Guardadas essas precauções, identificam-se características de pelo menos dois estilos no projeto: a cidade jardim e o city beautiful. O hibridismo da paisagem e as características da implantação também aproximam o projeto das propostas de Frederick Low Olmsted, conforme vimos no capítulo anterior.

Nos apoiamos em Gravagnuolo (1998) para identificar nessas características, que destaca a estética do pitoresco e a consequente adoção de estratégias de valorização da paisagem – obviamente dentro do contexto inglês, no qual as primeiras realizações da cidade jardim se inserem²². Em suas palavras:

“Surpreende, efetivamente, a extraordinária capacidade para adequar o traçado do assentamento com a natureza do lugar, seguindo os declives,

²⁰ COSTA (1941), pg. 6. Outro exemplo é o “Hino à Terra”, discurso pronunciado em Espírito Santo do Pinhal, em 12 de junho de 1943, publicado como livro no mesmo ano. (COSTA,1943).

²¹ O termo “estilo” pode ser entendido pela definição de Walter Gropius: “forma de expressão repetida por um certo período, cujo fundamento, culturalmente saturado, permite a criação de um denominador comum”. GROPIUS (1997). Original de 1968.

²² GRAVAGNUOLO, B. Historia del Urbanismo em Europa. Madri: Akal. 1998. Original de 1991.

calculando as perspectivas panorâmicas, exaltando, em suma, as vocações formais do *topos*"²³.

No projeto da Escola Prática de Agricultura essa adequação ao *topos* foi cuidadosamente tomada. O traçado do assentamento se adequa com a natureza do lugar, segue os declives, ressalta as perspectivas panorâmicas. Outra sugestão de influência é o vínculo entre o desenho da paisagem e a arquitetura homogênea dos projetos. Já outras características formais importantes para Gravagnuolo, como a disposição dos edifícios em *cottages*, não aparecem no projeto.

Do *city beautiful* a característica formal que mais se destaca é a presença de uma via parque que culmina visualmente no prédio principal, que guarda proporções monumentais (na comparação com as demais construções do projeto), situação que repete vários casos de instituições educacionais norte-americanas.

AS CONDIÇÕES E DECISÕES PROJETUAIS

Com relação às exigências pedagógicas para um projeto de uma Escola Prática de Agricultura, a primeira característica que chama atenção é a presença de diversas culturas agropecuárias e funções auxiliares dentro do projeto. Nos projetos iniciais há edifícios dedicados a várias atividades. Agruparemos em temas:

- a) Galpão de máquinas agrícolas; fábrica de laticínios, de rações; galpão de carroças;
- b) Estábulo de touros; estábulo de bezerros; apiário; ceva de suínos; pocilga; cavalaria, ordenhadeira; aviários diversos; reprodução de palmípedes; aprisco;
- c) Um pavilhão de veterinária principal e um pavilhão auxiliar;
- d) Pavilhão de indústrias agrícolas (com área para álcool, vinhos, amidonaria, conservas, vinagres, desidratação de cereais, sabonetes e óleos);
- e) Residências para mestres, professores, funcionários, organizadas em colônias;
- f) Cocheira para horticultura;
- g) Seção de fiação; oficinas de couros, selaria, carpinteria, mecânica, ferraria; sirgaria; matadouro;
- h) Parque de exposições com galpões de exposição de equinos e de bovinos, com arquibancada e circuito;
- i) Um grande almoxarifado;
- j) O prédio central, antes conhecido como sede, que incluía a moradia estudantil, áreas didáticas (como salas de aula, alguns laboratórios), refeitório, lavanderia, áreas de convivência, auditório, administração;
- k) Um ginásio de esportes;

²³ Idem, pg. 121. Especificamente, Gravagnuolo refere-se ao projeto de Hampstead. Foi tomada a liberdade de generalizar, pois esse trabalho apresenta apenas topicamente tais aspectos da cidade-jardim, para depois verificar sua existência nos espaços-alvo da pesquisa (campi universitários).

- l) O “Clube de Campo da Associação Agropecuária do Vale do Rio Mogi”;
- m) Portal de acesso com guarita;

Além dos edifícios, há outras delimitações do uso do solo, facilmente identificáveis: áreas cercadas anexas aos edifícios para criações de animais e áreas cercadas para pastagens ou culturas agrícolas.

Foram encontrados projetos não edificadas para outros usos, como separador de grãos de café e armazém de expurgo de sementes de algodão.

Outras foram construídas no período de inauguração ou posteriormente, porém ainda no período de funcionamento como Escola Prática de Agricultura, mas não foram encontrados nenhum projeto a respeito: a separadora de arroz, alguns aviários, um curral e algumas instalações técnicas como estações de tratamento de água e de esgotos.

O arranjo desses usos técnicos possui uma lógica própria ao sistema agropecuário. As funções essencialmente produtivas, de caráter experimental, estão distribuídas junto ao local que hoje é conhecido como Estrada do Povo. No limite norte há a seção de horticultura, que na imagem é representada como um sistema reticulado. Na sequência, rumo ao eixo principal, há a pocilga, onde até hoje é sediada a Seção de Suinocultura. Depois, com distribuição quase equidistante, se distribuem os usos pecuários e das indústrias de transformação, até os aviários, no limite sul desta estrada. Há outros dois setores técnicos: do lado oposto da Estrada do Povo, próximo à rotatória do eixo principal; e nos fundos da Sede, ao lado do galpão de máquinas agrícolas.

Os usos paisagísticos e de fruição se concentram nas redondezas da Sede, com destaque para a praça frontal, ainda existente, e do lado esquerdo, onde havia a previsão de um jardim que nunca foi construído. Ali foi implantado o campo de futebol, em algum momento anterior ao fechamento da Escola Prática de Agricultura. Nota-se, também, uma espécie de pista de corrida na parte frontal do Ginásio. Não foi possível identificar se essa pista foi efetivamente construída ou não, nem com imagens, nem com indícios físicos na localidade. Concluindo, as áreas habitacionais foram dispostas em áreas mais distantes tanto das áreas produtivas, como das áreas didáticas e de uso dos alunos. Esse afastamento poderia resultar em maior sossego, silêncio e sanidade para os residentes na Escola Prática de Agricultura.

A RELAÇÃO ENTRE A PIRASSUNUNGA DO FINAL DOS ANOS 30 E A ESCOLA AGRÍCOLA

O cenário da cidade de Pirassununga antes da gestão municipal de Fernando Costa era bastante desolador: fundada em 1865, nos quarenta anos seguintes tornou-se um pequeno centro urbano, com vinte e poucos quarteirões, sem pavimentação ou calçamento e com um comércio local que se detinha no básico necessário para o serviço da pequena população urbana e das fazendas ao redor. Em 1878 foi inaugurada a estação do ramal da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Desde 1896 a cidade contava com uma usina no córrego do Bebedouro, oferecendo energia elétrica, mas não possuía rede de drenagem de águas pluviais e redes apenas iniciais de afastamento de esgotos e indústrias sem importância econômica. A área rural não se destacava e possuía animais comuns. A arrecadação era irrisória²⁴.

²⁴ TELES e IOKOI (2005), pg. 47.

Quando Fernando Costa torna-se o Prefeito de Pirassununga, em 1913, promove inúmeras melhorias nas feições da cidade e também na infraestrutura urbana e rural, permitindo assim o desenvolvimento econômico do município. Também realiza gestões junto a outros órgãos para sediar instituições públicas na cidade: assim consegue trazer o 2º Regimento de Cavalaria Divisionária do Exército Brasileiro (2º RCD), atual 13º Regimento de Cavalaria Mecanizado do Exército Brasileiro (13º RCM), em 1920 e a hidrelétrica na Cachoeira de Emas, construída em 1922 pela Central Elétrica Rio Claro. Também nos anos 20 a Via Anhanguera é ampliada de Campinas para Ribeirão Preto, passando pelo centro urbano de Pirassununga – no sentido norte passava muito próximo da futura Escola Prática de Agricultura.

Em posse de seus cargos públicos, incentiva a implantação de uma série de projetos rurais experimentais junto a proprietários de terras, o que abre caminho para a futura chegada de outros órgãos públicos: a Escola Prática de Agricultura e a Estação Experimental de Piscicultura, a primeira do país, construída em 1939 quando Fernando Costa já era Ministro da Agricultura, atual Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Aquática Continental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (CEPTA/ICMBio)²⁵.

A chegada da Escola Prática de Agricultura em Pirassununga foi festejada pela imprensa local. O semanário mais importante da cidade, ainda existente, publica em 14 de outubro de 1945 uma matéria sobre a inauguração, na qual destaca o papel de Fernando Costa e seu trabalho incessante pelo desenvolvimento do Estado de São Paulo²⁶.

A partir daí, a relação entre a jovem escola e a cidade vai se fortalecendo. Mesmo no período da crise dos anos 50, antes da incorporação do território à USP, o sentido de urbanização seguia a orientação da portaria da escola. Nos anos 70 o Estado promove programas habitacionais na antiga Estrada de Porto Ferreira, que passa defronte a portaria antiga – além dessa iniciativa oficial outros empreendedores também incorporam loteamentos nesse eixo. Hoje, todos os bairros do entorno abrigam moradias de estudantes, funcionários e serviços para a comunidade universitária. O eixo frontal à portaria é importante para o comércio local e ainda é um vetor de crescimento da cidade (há dois novos loteamentos em obras nesse eixo). A Universidade intensifica a ocupação desse trecho do campus, mais próximo à portaria. Mas essa relação em tempos recentes é objeto de análise em outro momento da pesquisa.

FERNANDO COSTA, O PROJETO DE MODERNIZAÇÃO DO CAMPO E A ESCOLA PRÁTICA

Fernando Costa iniciou sua carreira política em Pirassununga, cidade que adotou após sua formatura em Engenharia Agrônoma pela ESALQ. Ali foi Prefeito, aos vinte e seis anos de idade. Teve uma gestão memorável, levando para a cidade a Escola Normal, que seria destinada a alguma cidade maior. Sua fama cresce pela região, como político promissor e bastante eficaz²⁷.

Afilhou-se ao Partido Republicano Paulista, depois de sua candidatura como independente na primeira eleição que venceu, para deputado estadual. Neste partido alçou cargos importantes, sendo indicado Secretário pelo Presidente do Estado, Júlio Prestes. Durante a Revolução Constitucionalista apoiou o Estado de São Paulo, depois mudando rapidamente de campo político e tornando-se apoiador getulista. Em seus discursos defendia bravamente o Presidente Vargas,

²⁵ Id, pg. 55 e COSTA (1941), pg. 102.

²⁶ Ibid, pg. 63.

²⁷ DEIP (1943), pg. 6.

que o tornou ministro e depois interventor no Estado. Quando houve a reorganização do sistema político, depois do segundo período ditatorial de Vargas (1937-1945), Fernando Costa ajuda na organização do PSD, que abrigava apoiadores do governo varguista e onde era candidato natural ao Governo do Estado de São Paulo e, quiçá, à Presidência da Nação²⁸. Em todos os períodos de sua carreira político foi tido como um técnico, conhecedor de agropecuária e grande realizador. O resumo de sua lista de realizações é impressionante: em Pirassununga praticamente todas as instituições públicas presentes são decurso de sua ação; os Institutos Nacionais de Agricultura, hoje Universidades Rurais; a Escola Nacional de Agricultura, atual UFRRJ; os parques Água Branca e Água Funda, o Instituto Biológico; vários postos zootécnicos e estações experimentais; a campanha do gasôgênio; a descoberta de petróleo no Brasil (na Bahia); e outras ações, principalmente ligadas à agricultura²⁹.

Ainda antes de seguir sua carreira política fora das fronteiras municipais de Pirassununga, profere um histórico discurso na formatura dos professorandos na Escola Normal da cidade, obra que ele próprio concluiu. Nesse discurso ressalta a necessidade do desenvolvimento de um modelo de educação rural no país. Pede aos formandos que “assentem sua tenda de trabalho no meio da população rural, pois esta é a que mais sofre e que mais necessita de vosso saber”³⁰. Seu pensamento sobre educação que reverbera na inauguração das Escolas Práticas já está formado nesse período.

Em julho de 1927, indicado pelo Presidente do Estado de São Paulo, Júlio Prestes, Fernando Costa assume a então Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Essa pasta lidava com enorme diversidade de temas, concentrando diversos serviços públicos. Além da agricultura (com várias ramificações institucionais), do comércio (idem) e das obras públicas, também se responsabilizava pelo sistema de transporte intermunicipal, as linhas férreas, o serviço de águas e esgotos da capital e da cidade de Santos, o setor de obras de saneamento do Estado, entre outras atividades³¹. Sua primeira grande missão foi realizar uma reforma administrativa na Secretaria, dividindo-a em duas. A nova Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio herdou a maior parte das atividades e do poder político anterior, enquanto a desmembrada Secretaria de Estado dos Negócios de Viação e Obras Públicas se responsabilizaria por essas atividades e pelos serviços de águas e esgotos. A “Reforma Fernando Costa” ocorreu em setembro de 1927, apenas dois meses após a posse de Fernando Costa³².

Portanto nosso personagem seguiria detendo o poder administrativo sobre os setores primário, secundário e terciário, enquanto delegava a infraestrutura para outra unidade administrativa. Entre as instituições que subordinavam-se à Secretaria, estavam o Instituto Agrônômico (que até hoje é um órgão de pesquisa) e a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz, atualmente órgão componente da USP³³. Em 1931 a Escola de Medicina Veterinária que havia no Instituto de Veterinária é reaberta e consolidada com um curso de nível superior de quatro anos, por determinação direta do Secretário, e depois transferida para o Parque Água Branca.

Também em 1927, em seu primeiro ano como Secretário, Fernando Costa incentiva a publicação do Decreto que cria o Conselho Superior do Ensino de Agricultura do Estado, presidido pelo

²⁸ Prefeitura Municipal de Pirassununga (1994) e DEIP (1943).

²⁹ D.E.I.P. (1943).

³⁰ COSTA (1931), pg. 373.

³¹ MARTINS (1991), pg. 203-205.

³² Id. (1991), pg. 205.

³³ Ibid., pg. 206.

próprio secretário e composto pelos diversos diretores subordinados à Secretaria. Esse Conselho definiria a regulação do ensino superior e fomentaria a criação de vários níveis de educação agrária, ora introduzindo conceitos e disciplinas nos currículos das escolas existentes, ora criando escolas específicas para determinados nichos ³⁴.

Entre 1929 e 1932 dois grandes eventos que modificam a história do país causam impacto sem precedentes na agricultura paulista. A crise econômica internacional, seguida da crise política nacional e a tomada de poder por Getúlio Vargas, aceleram processos históricos que a política e a economia do período anterior ainda freavam. Muito resumidamente, podemos afirmar que os principais processos foram a diversificação produtiva no campo e o incentivo governamental para o desenvolvimento da indústria, que já vinha se instalando na capital do Estado ³⁵. O primeiro, principalmente em função da crise do café, cujas sacas chegaram a ser queimadas para controle dos preços. O segundo, iniciado em uma situação de pujança econômica, agora dependia de influência governamental para continuar crescente. Em pleno curso desses processos, Fernando Costa sai da Secretaria de Agricultura, no final de 1930. Quase sete anos depois, Fernando Costa assumiria o Ministério da Agricultura, após ter ocupado a presidência do Conselho Nacional do Café, indicado pelo Presidente Getúlio Vargas. Sua passagem do Partido Republicano Paulista (PRP) para o governo varguista, seu maior adversário, foi bastante rápida: a admiração de Fernando Costa por Getúlio Vargas aparece em vários de seus discursos ³⁶.

Na gestão desse ministério, voltaria a ter imensa influência sobre a agricultura paulista, já que o Estado Novo varguista preconizava um nacionalismo centralizador, demarcado pelo poder excessivo na figura do próprio Getúlio Vargas e em cada um de seus ministros ³⁷. Em 1939, a Seção de Engenharia Rural torna-se Diretoria de Engenharia Rural ³⁸. Essa Diretoria de Engenharia Rural é que responsabilizar-se-ia pelos projetos da maioria das Escolas Práticas de Agricultura.

Em 03 de junho de 1941, Fernando Costa deixa o Ministério de Agricultura, e no dia seguinte assume o Governo do Estado de São Paulo, como Interventor Federal. Nesse período assinou o Decreto Lei Estadual 13.855 de 29 de fevereiro de 1944, que transformou a Universidade de São Paulo em autarquia, portanto adquirindo efetiva autonomia ³⁹. Em sua gestão no governo, diversas iniciativas foram tomadas no campo, priorizado como espaço preferencial do desenvolvimento do Estado. Para justificar sua priorização, os departamentos de estatísticas produziram planilhas que comprovavam que o desenvolvimento do Estado tinha em sua base a atividade primária ⁴⁰.

Nesse período são planejadas e construídas as escolas práticas agrícolas. Destinavam-se “à formação do produtor rural e para atuarem como centros de difusão de conhecimentos fundamentais da agricultura racional e aperfeiçoamento dos processos de indústria agrícola regional” ⁴¹. Melhor explicado na seguinte citação do Relatório de Agricultura de 1945, documento redigido anualmente pela Secretaria:

³⁴ Ibid., pg. 238.

³⁵ Ibid., pg. 256.

³⁶ Prefeitura Municipal de Pirassununga (1994) e DEIP (1943).

³⁷ Ibid., pg. 277.

³⁸ Ibid., pg. 219 e 222.

³⁹ MOTOYAMA (2006), pg. 29.

⁴⁰ Ibid., pgs 272-273.

⁴¹ Ibid., pg. 299.

“Para completar a constituição dos órgãos destinados ao aperfeiçoamento e propulsão das atividades de vida agrícola do Estado, juntando aos serviços de experimentação e fomento mais um meio de ação essencial para a consecução daquele propósito, foi planejado e está sendo posto em execução um grande plano de ensino prático de agricultura. Nessa transformação, representa papel capital o elemento rural, constituído pelo trabalhador do campo, o qual deve receber uma instrução objetiva, que o ponha à altura da situação, para não ter de se lamentar a ausência crescente de operários aptos a executar os mais rudimentares trabalhos da terra, como se verifica ainda entre nós, em virtude da falta de escolas práticas. Sentindo que, ao esforço particular dos lavradores paulistas, cujas iniciativas e operosidade são bastante conhecidas, deve juntar-se a ação oficial, foi planejada a criação de escolas práticas de agricultura”.⁴²

Os ensinamentos se concentravam nas áreas de agricultura geral, agricultura especializada, exploração racional, indústrias rurais, educação sanitária e alimentação racional. Em 1942 se iniciaram as construções das primeiras: Ribeirão Preto, Bauru, Pirassununga, Guaratinguetá e Itapetininga. A seguir, Marília, São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Araçatuba e Amparo. Depois, em 1946, seria incorporada a escola de Jaboticabal.

Comprovando a priorização para as iniciativas de desenvolvimento no campo, foi criada em 1942 a Diretoria de Ensino Agrícola, sob o comando da Secretaria de Agricultura. A Diretoria também assumiria as funções do antigo Conselho Superior de Ensino de Agricultura do Estado, orientando, dirigindo e fiscalizando o ensino agrário no Estado⁴³.

É interessante notar que, em pleno desenrolar da segunda grande guerra, a agricultura paulista permanecia como um dos itens prioritários para o desenvolvimento nacional, a despeito da enorme importância adquirida pela indústria. Nesse contexto, a educação do homem do campo era item relevante em cada relatório anual. Em 1943, o Secretário frisava seis itens nos quais se calcava o trabalho da Secretaria. O primeiro relativo à assistência técnica, o segundo relativo ao fomento da produção, o terceiro e o quarto relativos à vigilância sanitária, o quinto relativo à formação educacional e o sexto propondo o campo como uma alternativa de vida – lucrativo e convidativo para o estabelecimento das famílias⁴⁴. Percebe-se a concatenação entre os itens, o papel promotor de desenvolvimento do Estado e uma política muito bem delineada, que – concordando-se ou não – mantinha uma coerência entre discurso e prática. Em 1944 o relatório encerra uma discussão sobre a dicotomia entre vida nas cidades e no campo, ponderando a existência de uma economia rural, uma sociologia rural e um direito rural, em contraponto às mesmas ciências urbanas⁴⁵.

Uma análise paralela e relevante é sobre a relação entre o projeto de desenvolvimento e modernização do país preconizado por Fernando Costa, em especial no seu período varguista, e a relação com as construtoras. Nos governos do PRP em São Paulo há uma grande profusão de obras públicas, em especial as obras de infraestrutura, que no projeto político daquele grupo seriam a base para o desenvolvimento do Estado. Para a realização dessas obras era importante que existissem empreiteiras fortes, sólidas financeiramente, com grande poder de mobilização, caixa para a compra de máquinas e contratação de funcionários. Porém essa magnitude também dava às empresas um poder significativo para a decisão da realização das obras. Fernando Costa não escapava à regra: seu perfil “idealista realizador” é típico dessa forma de fazer política. Contava

⁴² RELATÓRIO DE AGRICULTURA (1945).

⁴³ Ibid., pgs 285.

⁴⁴ RELATÓRIO DE AGRICULTURA (1943).

⁴⁵ RELATÓRIO DE AGRICULTURA (1944).

com o apoio das empreiteiras para a realização da grande quantidade de obras de vulto que imaginou e empreendeu. A relação com Roberto Simonsen, de mesma trajetória política e sócio de construtoras, foi determinante para a realização da Escola Prática de Agricultura em Pirassununga.

Fernando Costa parece ter predileções arquitetônicas. Em sua publicação sobre as realizações como Ministro, inicia a longa lista explicando sobre as edificações (o que já denota a importância que dava a esse mérito). Ao descrever a Escola Nacional de Agricultura, a futura UFRRJ, afirma que o complexo arquitetônico, “obra grandiosa, já pelas instalações projetadas tendo em vista os progressos do ensino agrônômico, já pelo aspecto arquitetônico”⁴⁶. Do contato com Ângelo Murgel até suas últimas realizações no Governo do Estado, em especial nas obras que considerava mais importantes, encontramos a arquitetura neocolonial. Há uma resolução oficial que determina que todas as construções devem ser erigidas “rigorosamente de acordo com o estilo colonial brasileiro”⁴⁷.

Mas nem todas as obras da Secretaria de Agricultura adotaram o estilo neocolonial. Em publicação de maio de 1944 na revista *Acrópole*, o Departamento de Engenharia Rural apresentava algumas de suas obras: o Clube de Campo de Pirassununga, dentro da Escola Prática de Agricultura; o Pavilhão da Engenharia da ESALQ; a Casa do Fazendeiro no Parque da Água Branca em São Paulo e um Parque para Aves no Departamento de Produção Animal da Secretaria, em São Paulo. Apesar do destaque dado ao projeto em Pirassununga, as demais construções são art-decô, como se pode observar na imagem do Pavilhão de Engenharia e “modernas”, conforme a classificação dada pelo artigo⁴⁸.

A arquitetura neocolonial adotada nas obras educacionais sob a gestão de Fernando Costa inclui o instituto do Centro Nacional de Pesquisas Agrônômicas, depois Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), em Belém; a Escola Nacional de Agronomia, depois UFRRJ e as Escolas Práticas de Agricultura no Estado de São Paulo, estas últimas em seu período como Interventor.

Mas qual é a arquitetura neocolonial que nos referimos? Maria Lúcia B. Pinheiro explica que se trata de um movimento paralelo ao ecletismo e algumas vezes confundido a ele, já que possui um “caráter de livre criação, a combinar elementos suposta ou erroneamente oriundos da arquitetura brasileira do período colonial com cânones ecléticos de composição”⁴⁹. Já Lauro Cavalcanti invoca José Marianno F^o para descrever o neocolonial, que afirma que o estilo não é uma “homenagem fetichista ao passado”, mas sim um “retorno ao bom senso”, já que resolve problemas técnicos de adequação ao meio e ao clima, de acordo com a prática secular e tem um vínculo direto com a estética própria da jovem nação⁵⁰. Porém estabelece que os defensores do neocolonial pensavam no “pretérito construtivo brasileiro muito mais como colecionadores de borboletas em terreno fantasioso do que nos moldes de um resgate estrutural que estabelecesse uma doutrina adaptável às novas exigências impostas pelos impulsos da industrialização”⁵¹. Finalmente, há a influência de Ricardo Severo, arquiteto português que fundia a tradição lusitana com a colonial brasileira, afirmando que tais tradições guardavam uma mesma origem e aproximava as propostas estéticas. A arquitetura neocolonial era uma proposta de arquitetura nacional, que, em tese, superaria o neoclássico (apoiado pelos acadêmicos) e o eclético (realizado por profissionais não arquitetos ou

⁴⁶ COSTA (1941). Pg. 17.

⁴⁷ RITTER (1943), pg. 14.

⁴⁸ ACRÓPOLE (1944). Maio, pg 6-9.

⁴⁹ PINHEIRO (1997), pg. 64 apud BOGHOSIAN (TFG), pg. 19..

⁵⁰ CAVALCANTI (2006), pgs. 109-111.

⁵¹ Idem, pg. 217.

engenheiros) em um contexto modernizante. Seu adversário era o modernismo, uma proposta universalista. Como sabemos, vencerá a posição modernista, por uma série de fatores explicitados por Lauro Cavalcanti⁵².

Sem a intenção de emitir valor sobre a proposta neocolonial, observamos que a arquitetura das Escolas Práticas de Agricultura (e das demais obras neocoloniais construídas sob a pasta de Fernando Costa) são simplificações das soluções neocoloniais tipicamente defendidas por José Marianno Filho e Ricardo Severo, mais singelas e funcionais, ainda que nitidamente afiliadas a essa proposta. Suas fachadas, expressão mais aparente da afiliação ao neocolonial, são na maioria das vezes simples, porém adotam elementos como volutas, óculos, balaústres, possuem telhamentos cerâmicos em capa-canal com caimento frontal, beirais generosos, azulejarias, arcadas, etc. Os interiores, ao contrário, possuem extrema funcionalidade. Com poucas exceções, os prédios abrigam funções técnicas ou muito específicas e funcionam de maneira racional, sem a presença de qualquer ornamento ou elemento que não se faça necessário.

COMENTÁRIOS FINAIS

Há uma chave historiográfica no tema territórios universitários que é pouco estudada: os territórios situados em ambientes rurais. Esse estudo tenta desvendar um caso específico, da USP em Pirassununga, nas suas origens, com a finalidade de ajudar a construir uma base para estudos mais amplos, que procurem as generalidades dessa tipologia de espaço.

O presente estudo, como parte de uma pesquisa mais ampla, oferece algumas colaborações. Em primeiro lugar, sobre a origem desses territórios, pensados dentro de um projeto modernizante que preconiza o desenvolvimento do país a partir da educação do trabalhador rural. No caso específico, o Estado Novo varguista superava a política da República Velha, trazendo como novidade as Escolas Práticas de Agricultura, a Escola Nacional de Agronomia e outras instituições de educação e pesquisa com essa finalidade. Em segundo lugar, sobre a participação decisiva do Interventor Fernando Costa e sua influência sobre o projeto, que segue uma linha neocolonial na arquitetura e híbrida no arranjo urbanístico (cidade-jardim e belas artes), vinculando seu projeto modernizante a uma estrutura estética específica. E terceiro lugar, sobre a relação entre esses territórios, projetados, e as cidades que os abrigam: com o tempo, a instituição induz um certo desenvolvimento, servindo também como vetor de crescimento da cidade. No caso específico estudado, esse vetor de crescimento influenciou no sentido de crescimento da cidade e no próprio crescimento interno da instituição, que se faz nas proximidades do que hoje é parte da trama urbana (as áreas de contato entre o campus e a cidade de Pirassununga).

REFERÊNCIAS

Escola Prática de Agricultura Getúlio Vargas, Acrópole, jan (1944): pg.288-289,.

Realizações da Secretaria de Agricultura, Acrópole, maio (1944): pg. 6-9.

Escolas práticas de agricultura, Acrópole, jul (1944): pgs. 90 e 91.

Escola Prática de Agricultura Fernando Costa, Acrópole, dez (1944): pg. 245.

⁵² Ibidem, pgs. 225-232.

- Escola Prática de Agricultura Dr. Paulo de Lima Côrrea, Acrópole, maio (1945): pg. 1.
- Escola Prática de Agricultura Gustavo Capanema, Acrópole, ago (1946): pg. 109-111,
- AL ASSAL, M. R. B. Arquitetura, Identidade Nacional e Projetos Políticos na Ditadura Vargasista. São Paulo: FAU-USP. 2009. Dissertação de Mestrado.
- _____. Escola Prática de Agricultura Fernando Costa: Patrimônio Cultural da Universidade de São Paulo. São Paulo: FAU-USP. 2005. Trabalho Final de Graduação.
- CAMPOS, E.S. História da Universidade de São Paulo. 2ª. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.
- CAMPOS, P. H. P. A ditadura dos empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro. Niterói: UFF, 2012. Tese de doutorado.
- CAVALCANTI, L. Moderno e brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- CEPAGRI. O Clima dos municípios paulistas. Campinas. <http://www.cpa.unicamp.br/outras-informacoes/clima-dos-municipios-paulistas.html>. Acessado em 20/09/2016.
- COSTA, F. Idealismo Construtor. São Paulo: Saraiva, 1931.
- _____. Realizações do Pres Getúlio Vargas no Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro: D.I.P., 1941.
- _____. Hino à Terra. São Paulo: D.E.I.P., 1943.
- _____. No Governo de São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 1944.
- Decreto-Lei 12742, de 03.06.1942: Dispõe sobre a criação de Escolas Práticas de Agricultura.
- DEPARTAMENTO ESTADUAL DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA (DEIP). Fernando Costa e sua vida pública. São Paulo: DEIP, 1943.
- GRAVAGNUOLO, B. Historia del Urbanismo em Europa. Madri: Akal. 1998. Original de 1991.
- GROPIUS, W. Bauhaus: Novarquitectura. São Paulo: Perspectiva. 1997.
- IBGE, Mapa de Solos do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.
- LANNA, A. L. D. (coord). Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP. São Paulo: EDUSP e Imprensa Oficial. 2005.
- MARTINS, Z. Agricultura Paulista: Uma história maior que cem anos. São Paulo: SAA, 1991.
- MASCARO, L. P. Difusão da Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista: 1920-1950. São Carlos: EESC-USP. 2008. Tese de Doutorado.
- MMA. Mapa dos Biomas Brasileiros. Brasília: MMA, 2006.
- MOTOYAMA, S. USP 70 anos: imagens de uma história vivida. São Paulo: EDUSP, 2006.

- PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PIRASSUNUNGA. O Idealista Realizador. Média metragem documentário, 1994. Acessado em 30/10/2016. <https://pirassunungareceptivo.com.br/fernando-costa-o-idealista-realizador/>
- RITTER, M. Fernando Costa na Interventoria do Estado de São Paulo. São Paulo, Tipografia das Flores, 1945.
- ROSS, J. e MORO, I. Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo. Revista do Departamento de Geografia, v. 10, pg.41-58. 1996.
- SIMONSEN, R. C. Elos da Indústria. São Paulo: FIESP, 1944.
- SECRETARIA DE AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Relatório de Agricultura, 1943.
- SECRETARIA DE AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Relatório de Agricultura, 1944.
- SECRETARIA DE AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Relatório de Agricultura, 1945.
- TELES, T.C. e IOKOI, Z.G. Campus Pirassununga da USP: Memória e História. São Paulo: EDUSP. 2005.